

## Uma análise da cobertura telejornalística da RedeTV no Caso Eloá<sup>1</sup>

Ana Letícia LOURENÇO<sup>2</sup>  
Maria Karolina OLIVEIRA<sup>3</sup>  
Sofia CIRQUEIRA<sup>4</sup>  
Ingrid Pereira de ASSIS<sup>5</sup>

Universidade de Federal do Tocantins, Palmas, TO

### RESUMO

O objetivo principal deste artigo é analisar o papel da imprensa e das fontes, na cobertura realizada pela RedeTV do Caso Eloá, à luz da Teoria dos Definidores Primários, para discutir como o jornalismo reforça estereótipos que fortalecem à violência de gênero na nossa sociedade. Para isso, acionou-se enquanto metodologia a decupagem dos materiais produzidos pela emissora durante a cobertura do caso, sistematização das fontes e do discurso produzido. Identificou-se, com isso, equívocos na escolha das fontes e na conduta dos profissionais envolvidos na cobertura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Caso Eloá; Telejornalismo; RedeTV; fontes; Teoria dos Definidores Primários.

### INTRODUÇÃO

O 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2023, com dados das secretarias estaduais de segurança pública brasileira, mostra que, no Brasil, uma mulher é vítima de feminicídio a cada seis horas. A cada ano que passa este número cresce. Em relação a 2022, o crescimento foi de 4,5 pontos percentuais, por exemplo, causando medo em mulheres de todo país. Apontar este problema é uma forma de trazer visibilidade às milhares de mulheres mortas, diariamente, apenas por serem mulheres. No telejornalismo brasileiro, é comum reportarem notícias de feminicídio de forma antiética

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Telejornalismo, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do quinto semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [ana.lourenco@mail.uft.edu.br](mailto:ana.lourenco@mail.uft.edu.br).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação do quinto semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [maria.karolina@mail.uft.edu.br](mailto:maria.karolina@mail.uft.edu.br).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação do quinto semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: [sofia.cirqueira@mail.uft.edu.br](mailto:sofia.cirqueira@mail.uft.edu.br).

<sup>5</sup> Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Comunicação e Sociedade (PPGCOM), da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); mestre em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e bacharel em Comunicação Social – Hab. Jornalismo, pela mesma universidade. E-mail: [ingrid.assis@mail.uft.edu.com](mailto:ingrid.assis@mail.uft.edu.com).

e sem profissionalismo, tratando o caso como entretenimento, dando protagonismo ao criminoso e, até mesmo, interferindo nas investigações policiais. Não foi diferente com o ocorrido no “Caso Eloá”.

O “Caso Eloá” continua sendo, para muitos, um exemplo nacional da má conduta jornalística, quando relacionado a crimes cujas vítimas são mulheres. Por esse motivo, o sequestro e assassinato de Eloá, pelo seu ex-namorado, Lindemberg Alves Fernandes, foi escolhido como elemento nesse artigo, que tem como objetivo principal analisar o papel da imprensa e das fontes, em casos criminais desse tipo, tomando como objeto de estudo a cobertura do caso supracitado pela emissora RedeTV e o documentário “Quem Matou Eloá?” dirigido por Livia Perez, lançado em 2015 em São Paulo.

A análise foi realizada acionando como procedimentos metodológicos a decupagem dos materiais produzidos pela emissora durante a cobertura do caso e a categorização, à luz da Teoria dos Definidores Primários. Tal teoria foi escolhida, pois aborda a relação entre as fontes e o jornalista, problematizando a responsabilidade que a fonte carrega ao poder, propositalmente ou não, manipular a notícia.

Para Molotch e Lester (1974), as fontes são como “promotores de notícias”, notavelmente, aquelas com poder de alterar as rotinas a seu favor e ter acesso regular à mídia. O conceito dado pelos autores faz ponte com a maneira como se percebe o caso, pois, a partir do momento em que o sequestrador notou que estava monopolizando a atenção da imprensa jornalística, ele utilizou do seu privilégio como fonte principal no caso para manipular a narrativa a seu favor e obter vantagem nas negociações. Por ter o acesso a uma televisão, dentro da casa de Eloá (local em que a mantinha cativa), Lindemberg tomava ciência de todas as possíveis estratégias e decisões.

## **O CASO E A COBERTURA**

Eloá tinha 12 anos quando conheceu o amigo de seu irmão, Lindemberg Alves, de 19 anos, e logo iniciaram um relacionamento. Apesar da diferença de idade, os pais da menina permitiram e apoiaram o relacionamento. Eloá era conhecida e admirada por sua simpatia, sempre se apresentando de forma extrovertida e espontânea. Segundo amigos da vítima, o ciúmes era um ponto frequente nas brigas entre ela e o namorado<sup>6</sup>.

Lindemberg não concordava com a forma como ela se portava, sempre alegava ciúmes e demonstrava comportamento intimidador e autoritário para manipulá-la. Foram

---

<sup>6</sup> Ver mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1810200810.htm>.

quase 3 anos de um relacionamento complicado, instável e, mais uma vez, ele ameaçava terminar tudo. A jovem, cansada da situação, decidiu que o rompimento seria definitivo. Após tentativas frustradas de reatar o namoro, Lindemberg planejou o crime.

Segundo matéria feita pela Folha de São Paulo, durante os términos, Eloá repetia continuamente aos seus amigos que seu ex-namorado era louco, impulsivo e ciumento. Ainda de acordo com a publicação, sua mãe, que já percebia a situação, havia tentado alertá-la e quase denunciou Lindemberg à polícia, após uma agressão que a filha sofreu do ex-namorado a caminho da escola, porém, Everaldo Pereira dos Santos, pai da menina, impediu que realizasse a denúncia, pois ele estava foragido da polícia de Alagoas<sup>7</sup>.

Entre os dias 13 e 17 de outubro de 2008, ela foi sequestrada e mantida em cárcere por um total de 100 horas, o crime ficou conhecido como o sequestro mais longo já coberto pela imprensa, repercutindo nacional e internacionalmente. O caso, que aconteceu num conjunto habitacional no ABC paulista, atraiu a presença de vários veículos de imprensa. A emissora de televisão RedeTV viu uma oportunidade de aumento da audiência com a notícia. No programa “A tarde é sua!”, a apresentadora, Sonia Abrão, liderou e mobilizou toda sua equipe para uma cobertura, que apresentou muitas falhas.

Eloá estava em casa com outros três colegas de classe, dois deles foram liberados nas primeiras 7 horas do caso, restando apenas ela e sua melhor amiga Nayara Rodrigues, que foi liberada pelo sequestrador ainda no segundo dia, mas por conta de uma decisão dos policiais, voltou ao apartamento algumas horas depois. Graças a intenção de usá-la para mediar uma negociação, ela foi colocada frente a frente com Lindemberg e puxada para dentro da cena do crime, novamente, pelo criminoso. Foi nesse meio tempo, após a saída de Nayara, que o repórter Luiz Guerra conseguiu o número de telefone do sequestrador e entrou em contato por meio de uma ligação telefônica, completamente gravada, alegando ser um amigo da família. Questionado por Lindemberg, o repórter admite fazer parte do programa de Sônia Abrão, afirmando não estar ao vivo, mas passando a total segurança ao criminoso de que, caso fosse da sua vontade, a ligação seria transmitida algumas horas depois.

Analisando as falas, é possível notar uma série de equívocos na forma como o repórter conduziu essa entrevista. Sete minutos e 34 segundos dessa entrevista realizada

---

<sup>7</sup> Ver mais em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1810200810.htm>.

por Luiz Guerra com Lindemberg vão ao ar e, em diversos momentos, o repórter evidencia a sua preocupação com o ex-namorado de Eloá e atribui juízo de valor positivo ao então sequestrador. “Vamos conversar, eu quero te ajudar. Eu quero dizer pra você o seguinte: o capitão garante a sua integridade, você ‘fica’ tranquilo, filho”, afirma o jornalista e completa: “A gente vai entrar em contato com a polícia, a gente ‘tá’ confiando em você, sabe que você é um rapaz de bem e que você não quer fazer nada de errado”.

Após a exibição da entrevista gravada, Sonia Abrão volta para o ao vivo, onde conversa com um dos seus convidados e faz o seguinte pedido ao advogado especializado em direito criminal, Ademar Lopes: “...e com sua experiência, que você possa nos orientar aí sobre o que vai acontecer daqui pra frente.”. Em resposta à jornalista, o advogado faz o seguinte pronunciamento: “Bom, eu sou muito otimista né, eu espero que tudo isso ‘termine em pizza’ e com um casamento futuro entre ele e a namorada apaixonada dele, né?”. O advogado ainda finaliza com: “Ele também deve ter perdido a motivação de viver, porque um rapaz jovem quando se apaixona, muitas vezes se desequilibra”.

A fala que por si só já é problemática, quando proferida pelo advogado, toma um enquadramento na narrativa do caso que contribui para a imagem inocente que a mídia criou ao redor do criminoso, por se tratar de uma pretensa fonte qualificada, um especialista em direito criminal, que carrega uma credibilidade em seu pronunciamento. Apesar de ter uma carga de juízo de valor predominante, a declaração do advogado abre espaço para a interpretação do caso como um crime passional, que é a designação comumente usada para julgar crimes que tem como fator atenuante a emoção e o sentimento, embora a Código Penal não traga tal tipificação.

Em grande parte, casos que envolvem violência doméstica acabam sendo classificados e tratados como crimes passionais na mídia. O sequestro de Eloá, por exemplo, foi retratado na abordagem da cobertura de Sonia Abrão como um “ato de paixão”, expresso tanto na fala de Ademar Gomes, quanto nas entrevistas com o assassino, algo que segura a narrativa de que Lindemberg fazia aquilo por desespero, algo que é desmentido pelo próprio sequestrador. Quando Luiz Guerra questiona “Por que você tomou essa atitude? Foi desespero? Ciúmes? O que foi?”, Lindemberg responde: “Desespero? Desespero? Se eu tivesse desesperado ia dar um tiro na minha cara e já era! {...} Tô sem sentimento nenhum, tô frio”.

Segundo o MPF, a ligação ao vivo com Sonia Abrão interferiu na atividade policial em curso<sup>8</sup>. A ligação entre a jornalista e Lindemberg Alves, que durou em torno de 20 minutos, iniciou discursivamente uma narrativa de acolhimento para um homem de 22 anos que mirava um revólver na cabeça de duas adolescentes, que foram surpreendidas enquanto faziam um trabalho escolar, fazendo dele uma celebridade (SAMPAIO, 2010).

Em várias falas, a jornalista evidencia que Lindemberg estaria agindo de forma desorientada e desesperada, que era apenas um garoto sofrendo uma desilusão amorosa. Sonia pede para que Lindemberg ponha Eloá no telefone por pelo menos duas vezes e pergunta para a jovem sobre o estado temperamental do seu ex-namorado, diante da situação. A ligação conduz para uma atmosfera de filme de ação, na qual a vida da jovem depende, totalmente, do desejo de seu sequestrador. Durante a entrevista, a apresentadora tentou fazer com que Lindemberg falasse sobre seus problemas familiares em TV aberta. Afirmou, por várias vezes, que ele era um “menino bom” e que não estava fazendo mal a ninguém, o que estimulava o sentimento de empatia pelo criminoso. Ela chegou a ser convidada pela defesa para seu julgamento.

A jornalista da emissora analisada dá ao criminoso o espaço de fala em TV aberta e o trata como principal fonte do caso. Tal importância dada ao ponto de vista de um envolvido no fato, influencia diretamente no recorte da notícia. Em entrevista à Jovem Pan no dia 1º de setembro de 2015, Sonia diz que não se arrepende e acredita ter feito a “cobertura perfeita”, por se tratarem de conteúdos inéditos. Para Pinto (2000), a classificação de fontes por tipos está vinculada à perspectiva e ao interesse. Algo que é claro nos dias em que se arrastava o cárcere, era a movimentação geral por parte da imprensa em busca de uma notícia em primeira mão. Apesar de ser a primeira emissora a entrar em contato com Lindemberg, a RedeTV não foi a única a tentar. Grandes veículos como a Rede Globo também entraram nessa disputa.

No início da noite do dia 17 de outubro, a polícia, sob muita pressão por parte de toda imprensa e da população, tomou a decisão de invadir o apartamento onde Eloá, Nayara e Lindemberg estavam, explodindo a porta da frente e efetuando disparos. Uma troca de tiros se iniciou e as duas reféns acabaram feridas, Nayara com um tiro de raspão na boca e em uma das suas mãos e Eloá com um tiro na virilha e outro na cabeça. As duas foram socorridas e levadas ao Centro Hospitalar Santo André. Eloá sofreu com ferimentos

---

<sup>8</sup> Ver mais em: [https://www.conjur.com.br/2008-dez-02/mpf\\_indenizacao\\_rede\\_tv\\_entrevista\\_elo/](https://www.conjur.com.br/2008-dez-02/mpf_indenizacao_rede_tv_entrevista_elo/).

mais graves, sendo colocada em um coma induzido, e no dia seguinte, foi declarada a morte cerebral. Com a morte de Eloá, houve uma grande revolta da população, onde uma considerável parcela levantou uma série de discussões e reflexões acerca do limite da liberdade de imprensa, do sensacionalismo e da romantização de relações abusivas. Segundo Angrimani, sensacionalismo (1995, p. 16): “...é tornar sensacional um fato jornalístico que, em outras circunstâncias editoriais, não mereceria esse tratamento.(...) trata-se de sensacionalizar aquilo que não é necessariamente sensacional”.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A forma como esse e outros casos semelhantes são abordados pela mídia, principalmente as mais sensacionalistas, só reforçam a violência e a desvalorização da vida da mulher. Ao tomarem como prioridade a palavra de um criminoso, a imprensa jornalística retrata uma face da sociedade que sempre tende a acreditar, perdoar e banalizar a agressão, tornando os “corpos femininos ou feminizados em situação de vulnerabilidade” (GUELLIS, 2020, p. 1613).

Dentro dos diversos erros presentes na cobertura desse caso, está a adultização de meninas. Em nenhum momento é frisada ou dada a devida atenção a diferença de idade entre Eloá e Lindemberg. Enquanto o criminoso era posto como um jovem que estava sofrendo em decorrência amorosa, Eloá era colocada como uma jovem mulher, que estava deixando para trás seus traços de menina. A descrição das decisões de Eloá que estava “cansada das reviravoltas do relacionamento”, foram postas como se fizessem parte do enredo de um filme adolescente, quando claramente, toda a situação se tratava de um ciclo de violência. No entanto, é ele quem é tratado como o jovem promissor, “um rapaz que tinha a vida inteira pela frente”. Já para Eloá, a única perspectiva de futuro que lhe era desenhada, era uma vida ao lado de Lindemberg, isso fica claro na fala do advogado.

Fazendo ligação com a atualidade, percebemos que ainda há um caminho longo a ser percorrido quanto ao senso crítico e julgamento de jornalistas diante da escolha de suas fontes e forma de abordagem ao retratar casos como os que envolvem abusos.

Conclui-se, portanto, que o papel da imprensa em casos criminais está para além de noticiar, carregando consigo a responsabilidade de fazer parte de um grande processo de conscientização, independente do caso em questão.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016.

BUENO, Samira; MARTINS, Juliana; LAGRECA, Amanda; SOBRAL, Isabela; BARROS, Betina; BRANDÃO, Juliana. O crescimento de todas as formas de violência contra a mulher em 2022. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 136-145, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 20 de abr. de 2024.

FENAJ. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Brasília: Federação Nacional dos Jornalistas, 2008.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra as mulheres em 2021**. In: FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contramulher-2021-v5.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2024.

GUELIS, Laís Pinheiro de Souza. O caso Eloá Pimentel (2008): narrativas sobre violência de gênero. In: **Anais do VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Disponível em: <https://anais.uel.br/portal/index.php/SGPP/article/view/1163>. Acesso em: 5 de mar. de 2024.

MOLOTCH, H.; LESTER, M. News as purposive behavior: on the strategic use of routine events, accidents, and scandals. **American Sociological Review**. v. 39, p. 101-112, 1974.

PEREZ, Livia (dir.). **Quem Matou Eloá**. Brasil: Doctela, 2015. 1 DVD (24 min), son., color.

CONJUR, Redação. RedeTV! É processada por causa da entrevista com Eloá. **Revista Consultor Jurídico**, 2008. Disponível em: [https://www.conjur.com.br/2008-dez-02/mpf\\_indenizacao\\_rede\\_tv\\_entrevista\\_elo](https://www.conjur.com.br/2008-dez-02/mpf_indenizacao_rede_tv_entrevista_elo). Acesso em: 2 mar. de 2024.

SAMPAIO, Tede. Jornalismo e ética na cobertura de sequestros: deslizes éticos cometidos pela mídia na cobertura do Caso Eloá. In: **Anais do Intercom Nordeste 2010**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0717-1.pdf>. Acesso em 5 de abr. de 2024.